

Um avião no azul

16 AGO 1988

VIRGÍLIO COSTA

O GLOBO

Há trinta anos, ao formular, sobre uma idéia debatida ao longo de mais de dois séculos, o plano-piloto da Capital da República, Lúcio Costa delineou, junto a seu centro, o local para a instalação das principais instituições nacionais de cultura.

A idéia repousou todo esse tempo em esquecimento e dúvidas (a Universidade, imaginada para, junto com a área cultural, serem coração e pulmão da nova cidade, fora desde cedo, cuidadosamente, levada para longe).

Com o renascer da democracia, ela é retomada e procura-se dar seus passos decisivos.

Através, acentue-se, apenas da conclusão de seu projeto, que fazemos questão de colocar sob o signo da necessidade e da credibilidade.

Repensado agora com a propoital participação de muitas mãos, inclusive as experientes e sábias dos fundadores Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, deverá ter o conjunto, como previsto, o arquivo, a biblioteca, o museu, um centro de estudos da civilização brasileira e um forum de instituições de ciência e cultura.

Eles estarão voltados, prioritariamente, para a infra-estrutura cultural, educativa e científica, isto é, os documentos. E não apenas o patrimônio documental em si, mas sobretudo, para sua referência. São os sistemas nacionais de informações arquivísticas, bibliográficas e museográficas, onde o acervo será a referên-

cia de todos os existentes no País e o público todos os brasileiros, estejam aonde estiverem. Interliga-os programas comuns de informática, de educação, ciência e cultura, de reprografia e audiovisuais e de conservação e preservação, realizados em colaboração aberta a todas as entidades nacionais.

Seu objetivo é coordenar trabalhos e iniciativas hoje dispersos, colocando o País mais perto de si mesmo, e evitar e lutar, a qualquer custo, contra qualquer duplicação de esforços ou recursos.

Trata-se de fazer o que já deveria ter sido feito há trinta anos (uma capital sem arquivo nacional é uma estranha exceção no Mundo). Mas só poderá ser construído quando melhorarem as condições econômico-financeiras e, mesmo assim, dentro da estrita ordem de prioridades. A grandeza que deverá ter será inerente ao projeto e ao fato de situar-se no próprio eixo monumental da Capital. Em termos internacionais, o projeto é modesto; em termos nacionais, é realista.

Respiramos, como muitos testemunham, a maior liberdade política já havida em toda nossa História, em termos de organização e de imprensa. Logo virão, com tal oxigênio ou adubo, nova consciência de cidadania, redobrada atenção social, mais amadurecida participação comunitária, e, finalmente, novos líderes e renascida cultura. A vida voltará a seus próprios pés.

Passado o natural desânimo de nos darmos conta da crua realidade a que chegamos, depois de todos esses longos anos, de nuvens cinzentas, virá novo surto de criação, encontro e esperança.

O conjunto cultural terá então o dever de, através da afirmação democrática que significa o acesso a todos da informação cultural, contribuir para isso. Ele se inserirá novamente, na lista dos antigos sonhos a serem retomados, junto com a idéia da preservação das diversas culturas do povo brasileiro — ao lado da justiça social, da estável liberdade política, da mais equilibrada federação. Brasília deve ser um lugar pertencente a todo o País, o lugar de reencontro, onde se pensa o novo.

Assim, o paulista deverá ser mais paulista, o carioca mais carioca, o nordestino mais nordestino, a federação mais federação. Daqui se construirá o amanhã, e nele uma civilização tropical, fraterna e livre.

Ao retomar esse projeto, com meus companheiros, tendo como figuras tutelares Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade, o colocamos nesse contexto.

Um avião branco levanta vôo no azul: nele, um compromisso com o futuro dessa terra, com o povo brasileiro, e com as raízes da nossa cultura.